

**BORRILLO, Daniel. *Homofobia*.
Espanha: Bellaterra, 2001.**

Felipe Bruno Martins Fernandes

*Mestre em Educação Ambiental pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina
complex.lipe@gmail.com*

La acción pedagógica [da prevenção da homofobia] deberá comenzar por denunciar el conjunto de códigos culturales y estructuras sociales que transmiten los valores que refuerzan los prejuicios y la discriminación con respecto a los gays e las lesbianas.

Borrillo (2001, p. 118)

A citação acima traz consigo os elementos usados por Daniel Borrillo, pesquisador argentino radicado na França, para construir *Homofobia*, assim como a preocupação teórica de seus estudos em uma perspectiva mais ampla. O autor apresenta como uma das formas de prevenir a homofobia a publicização dos elementos que constituem e reproduzem os valores que a constroem, podendo seu livro ser considerado um recurso pedagógico em prol da desconstrução da ideologia homofóbica. Para realizar isso, esquadrinha a construção, a legitimação e as formas de expressão da homofobia na vida em sociedade.

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro é utilizado para fins conceituais e de definição de questões mais amplas, sendo a homofobia subdividida em categorias e relacionada com outras formas de discriminação e preconceito. No segundo, são expressas as origens da homofobia, com os pressupostos greco-romanos, judaico-cristãos e atenção especial à igreja católica contemporânea. As doutrinas heterossexistas e a ideologia homofóbica, apresentadas nas perspectivas da clínica, da antropologia, do liberalismo, do estalinismo e do holocausto gay, são alvo do terceiro capítulo, que esquadrinha como todas essas ideologias auxiliam na construção e na legitimação da homofobia.

Já no quarto capítulo, o autor realiza um apanhado de elementos que determinam as causas da homofobia, apresentando como se constroem a identidade masculina, a diferenciação sexual, a personalidade homofóbica, a internalização da homofobia e as formas como se estabelece o medo da desintegração social (um dos símbolos máximos da “naturalização” da homofobia). As conclusões são utilizadas para propor ações e maneiras de agir que possam garantir outras formas de relações sociais e a superação do atual quadro homofóbico na França.

É importante frisar que o contexto ao qual o autor se refere é o francês do início do século XXI e que os exemplos utilizados para isso refletem esse panorama. Porém, é possível pensarmos suas considerações teóricas quanto às relações sociais mais amplas, incluindo aqui o contexto brasileiro (e suas políticas de inserção da homofobia no Estado). Esta resenha irá se deter nas reflexões de Borrillo sobre a homofobia como uma problemática que transcende o individual e o coletivo, estando incrustada nas representações sociais sobre a sexualidade.

O autor define homofobia como

la hostilidad general, psicológica y social, respecto a aquellos y aquellas de quienes se supone que desean a individuos de su propio sexo o tienen practicas sexuales con ellos. Forma específica del sexismo, la homofobia rechaza también a todos los que no se conforman con el papel predeterminado por su sexo biológico. Construcción ideológica consistente en la promoción de una forma de sexualidad (hetero) en detrimento de otra (homo), la homofobia organiza una jerarquización de las sexualidades y extrae de ella consecuencias políticas (BORRILLO, 2001, p. 36).

A homofobia, segundo Borrillo, agrega em sua expressão sentimentos de repulsa ou hostilidade a pessoas que possuem um desejo por outras do mesmo sexo (ou, ao menos, apresentam essa possibilidade). Essa repulsa é levada a cabo quando esse ser (quase ontológico) é posto na posição de um outro, tido nesse caso como inferior ou anormal. Essa desproporção entre um eu falante e outro anormal, distante e praticamente irreconhecível, é um paradoxo importante, já que alimenta a lacuna constitutiva de um ideal e de um real.

Tal lacuna é relacionada com outras formas de “infravaloração”, como o racismo, a xenofobia, o classismo, já que todas sustentam em sua formação uma “diferença natural” expressa através da segregação do que venha a ser o outro. A base dessas dicotomias que são causas das discriminações está na

diferenciação entre um eu “civilizado” e um outro “selvagem”, que seria, conforme o autor, a raiz do binômio aceitável/inaceitável. A rigor, a homofobia compõe o leque mantenedor desses binômios que se expressam nas ações cotidianas de forma naturalizada por meio de uma divergência naturalizadora, em que não apenas os dispositivos biológicos estão sendo postos em voga, mas estão sendo chamados para compor junto com as instâncias culturais as raízes da “naturalidade” da homofobia.

Essa naturalização da homofobia proporciona, através de dispositivos de poder vinculados aos mecanismos legitimados pela união dos aparatos científico-jurídico-pedagógico-políticos, uma desigualdade de acesso a recursos econômicos, políticos, sociais, jurídicos e culturais, que deixam lésbicas e gays em desvantagem nas relações sociais.

O autor demonstra como esse processo de naturalização da homofobia foi sendo construído historicamente, primeiro evidenciando como o cristianismo, herdeiro da tradição judaica, delega à heterossexualidade o único comportamento natural conforme a lei divina, inaugurando assim uma homofobia até então desconhecida nas populações. A heterossexualidade enquanto normalidade para Deus e o casamento monogâmico como responsável pela procriação, expressos na bíblia judaico-cristã, apresentam resquícios ainda hoje levados a cabo nos discursos político-administrativos. Para legitimar isso, a monogamia e os “papéis de gênero” são extremamente marcados, já que cada indivíduo (o homem e a mulher) possui um papel importante na “formulação da vida”. Além disso, é apenas na heterossexualidade que a diferença sexual pode se concretizar com mais clareza. Ou seja, o autor demonstra como a bíblia e as leis divinas propostas por ela auxiliaram na construção da forma de homofobia que vivemos hoje em dia.

É interessante pensar, como aponta o autor, que a igreja católica coloca a homossexualidade como um “crime contra a natureza”; porém, essa natureza é ordenada para ela moralmente, de acordo com os interesses teológicos. A medicina e as ciências sociais, por outro lado, adentram esse espectro e inserem a sexualidade como um fato científico, passível de reconhecimento e normatização, contrapondo, dessa forma, a normatização baseada em Deus com a normatização baseada na ciência.

A medicina legal e a psicanálise reforçam a homofobia por meio da inserção, com base na ciência, da homossexualidade enquanto um diferencial. Se para os teólogos a homossexualidade era um problema da alma, para os médicos a homossexualidade é um problema do corpo. Ambos a encaram enquanto problema, porém deslocado do extramundo para o mundo (ou do

abstrato para o concreto, ou da religião para a ciência). Se para a religião a homossexualidade é um pecado passível de salvação (tornando-se heterossexual), para a medicina e a psicanálise a homossexualidade é um desvio passível de explicação.

A antropologia também auxiliou (e auxilia) na manutenção da homofobia, ao afirmar que a divisão entre os sexos (homens e mulheres) é uma das raízes da organização social. Segundo ela, esse fato, passível de generalização, está transformando e incorporando aos pressupostos “biológicos” requisitos sociais, construindo assim o binômio natureza-cultura, ambos legitimadores da homofobia.

A tríade se completa com a política, quando o autor discute o liberalismo, o estalinismo e o nazismo. O liberalismo, com a divisão público/privado, resguarda a homossexualidade na esfera do privado e passível de respeito, mas livre da aplicação de regras e regulamentações. No “silêncio do privado”, ela se mantém enquanto um regime que, por ser da intimidade, precisa ser respeitado (e está aqui a raiz de onde provêm hoje os discursos “politicamente corretos”). Ao mesmo tempo, porém, a homossexualidade é afastada das relações (mantendo assim seu caráter de anormalidade).

No nazismo e no estalinismo (e podemos inserir aqui o fascismo), a esperança da boa raça (aquela que já existe e pode ser mantida) e da raça boa (aquela que pode ser construída), respectivamente, relega a homossexualidade também a uma posição de anormalidade, dando-lhe ainda o caráter de “selvagem” ou “menos evoluída”, passível de extermínio e higienização.

De todas as formas, a homofobia se constitui como um regime de subjugação social, política e cultural de corpos e desejos que não condizem com as raízes dicotômicas estruturantes da sociedade por meio da naturalização da sexualidade.

Igualmente autoritária, a heterossexualidade se constitui na divisão social dos sexos, expressa através do sexismo, em que a subordinação do feminino aparece como balizadora das relações sociais. Aludido através da pseudosuperioridade biológica (vide medicina, psicanálise etc.) e social (vide antropologia e regimes políticos), o sexismo instaura uma norma sexual, já que essencializa discursos em torno do que venha a ser o homem e a mulher, fato consumado na heterossexualidade. O machismo (assim como a violência de gênero) apareceria aqui como uma forma direta de manutenção da hierarquia de gênero.

Para Borrillo, a homofobia também teria papel crucial na manutenção dessa dicotomia, já que, balizando homens e mulheres a partir de estereótipos

de gênero (e conseqüentemente de desejos pelo oposto), construiria uma impossibilidade de transferência de algumas dessas fronteiras. A homofobia engessa a transferência de desejos e comportamentos, visto que propõe (impõe) um rechaço a toda e qualquer manifestação visível (ou imaginável) de vivência de outra forma de relação com o outro e consigo mesmo (mediante as relações ou da constituição de estereótipos físicos).

Com isso, é possível pensar diferentes formas de homofobia de acordo com a realidade na qual o indivíduo está inserido. O autor salienta que a afirmação de que não existe A Homossexualidade ou O/A Homossexual se constitui como forma de contraposição de uma heterossexualidade compulsória constituída através de um grupo garantido e legitimado pelos aparelhos ideológicos disponíveis (Estado, leis, ciência). Assim, a gayfobia, utilizada especificamente para homens homossexuais, se diferencia muito da lesbofobia, utilizada para mulheres lésbicas, já que estas ainda espelham a homofobia e o heterossexismo. Isso ocorre porque a mulher é vista como objeto de desejo do homem, contrapondo não apenas os estereótipos, mas também as funções de gênero, e, quando rompe com esse pressuposto, instaura um problema de ordem organizacional na sociedade.

Para finalizar, creio que o livro nos ajuda a pensar na atual situação brasileira em que a homofobia tem sido foco de políticas públicas e de um projeto de lei que visa sua criminalização. Assim, quando as ativistas lésbicas e travestis (FERNANDES, 2008) reivindicam uma nova nomenclatura para se referirem às violências que sofrem, elas estão mostrando que, além de representarem uma ameaça para as “fronteiras do sexo”, também representam uma ameaça para as “fronteiras do gênero”. Lésbicas e travestis vivenciam, em suas rotinas, violências que transcendem o rechaço e representam, na perspectiva de Borrillo, uma ameaça aos padrões estabelecidos, os quais mantêm as dicotomias homem/mulher (responsáveis pelo sexismo) e homo/hetero (e seus estereótipos).

Seguindo o proposto por Daniel Welzer-Lang (2001), para construir-se enquanto homem é preciso diferenciar-se das mulheres e das crianças. A diferenciação dos homens em relação às mulheres se dá pelo reforço da virilidade e da autonomia. O homossexual, por sua vez, é relacionado com as mulheres, pois não tem garantida a virilidade heterossexual (atributo chave da masculinidade). Dessa forma, a masculinidade está pautada no rechaço das mulheres e dos homossexuais, já que estes são simbolicamente semelhantes a elas. A heterossexualidade é mantida através de uma dupla negação, igualmente sexualizada: mulheres e homossexuais, sendo que ambos devem

ser “dominados”.¹ Essa argumentação é corroborada por Borrillo, uma vez que esse autor reforça a questão da masculinidade pautada pelo sexismo e pela homofobia.

Esses dois aspectos também são engendrados nas estruturas que regulamentam a vida civil, uma vez que os plenos direitos são inacessíveis aos homossexuais. Estes, relegados ao diferencialismo, acionam discursos de atenção diferenciados, que os tiram do lugar de sujeito universal de direito e os colocam no *hall* dos particulares, em regime de exceção. Isso reforça e inculca a homofobia na raiz da esfera dos direitos, além de unir o “perigo da desintegração psicossocial da raça humana”, fazendo a repressão da homossexualidade aparecer como uma necessidade de manutenção do social, em sua “legítima defesa”.

Relegada ao privado (pelo liberalismo), ao corpo e ao desejo (pela medicina e psicanálise), às normas e formas de organização sociais (pela antropologia), ao medo ou à inferiorização (pelos indivíduos homossexuais), a homossexualidade se constitui como um regime que necessita ser expresso de forma discreta para em nenhum momento balançar as estruturas públicas. A garantia de direitos civis é levar a cabo o sexismo e a homofobia, colocando em xeque as estruturas construídas para a legitimação da dominação. Para o autor, a educação e o sistema jurídico possuem papel fundamental na mudança de perspectiva. Este livro pode ser considerado uma tentativa para tal mudança.

¹ Welzer-Lang (2001) apresenta as “casas dos homens” de nossa sociedade, espaços masculinos por excelência, onde se aprende, de forma pedagógica, a ser homem e o que é necessário fazer para isso.

Referências

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Florianópolis. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 9, n. 2, 2001.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins (Dir.). *Homofobia, lesbofobia, transfobia*. Florianópolis, Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, vídeo, NTSC, 8 min., son., color., 2008.